



## José Antônio Cavalcanti<sup>i</sup>

### Limite

A cem metros de qualquer encontro  
perco a pressa  
e o encanto  
desfia-se ponto a ponto.

Não vou chegar  
à parada mais próxima,  
descerei na última  
palavra  
a cem metros de qualquer encontro.

## Na cola do poema

A poucos passos  
da descoberta  
a palavra  
murcha  
no canto da boca.

Sílabas  
na saliva,  
sal  
na língua  
suja.

A escrita  
um corpo  
quase,  
devassa,  
devastação.

Gastei minha sombra  
à procura,  
virei exumador de cadáveres,  
vermes,  
vocábulos.  
Meio milímetro a mais  
nuvem epifânica esplendoria.

Pelos versos  
sempre escapa o poema  
ralo afora,  
bueiro,  
lapso,  
no colo de uma vírgula nefasta.

Provo Nicanor Parra,  
me valho de Vallejo,  
malho Mallarmé em sintaxe exata,  
acendo Drummond  
na madrugada morta.

Heresia ou hermenêutica,  
nada do poema,  
nadinha.

Nunca o poema,  
somente abalos sísmicos  
espalham na pele das palavras  
sombra e susto  
de inominada passagem.

## Invasão

*Para Walter Franco*

Vou me invadir  
agora  
de fora para dentro  
de dentro para fora.

Vou me invadir  
sem pena  
sem demora.  
O centro da minha memória  
escuta  
os meus passos lá fora.

Vou me invadir  
a qualquer hora  
antes  
que eu fuja de mim  
depois  
que eu for embora.

**Latência**

Dois minutos

duas horas

dois dias

dois anos

dois séculos

e o pulso dos teus olhos

ausentes

não se fecha.

**Os campos de concentração na planta das cidades pós-modernas (ou nova concepção arquitetônica do inferno)**

Cidade sem olhos,  
Tebas,  
a de sete portas,  
inaugura sua nova  
arquitortura.

Trocou retinas humanas  
por câmeras de Cérbero  
em alta definição  
do inferno.

População cega  
não age,  
ob  
    serva  
o mundo,  
tudo e todos,  
agora  
monumental submundo.  
Fones no umbigo,  
celulares ao vento  
lotam de solidão as avenidas.

Foram-se os heróis,  
vieram as celebridades  
e uma espessa camada gosmenta  
de palavras acomodadas  
em poemas.

Quando voltarão o incômodo, a turbulência e o tumulto?

## Céu abaixo

A três palmos do chão  
miro  
manchas demoníacas no céu  
em desmonte.

O caminhão de mudanças  
levará o azul  
para o outro lado da cidade.

Em gigantescos sacos plásticos  
embalam manhã e nuvens.

Nenhuma informação dos indivíduos  
em uniformes ocres.

As mesmas escadas  
para marcas em outdoors  
usadas  
© Jacó.

Tapumes púrpuras impedem  
a leitura de novo anúncio  
na velha pele do planeta.

A três palmos do chão  
piso  
pedras despidas do céu  
em demo/lição.

## Sopro

Cansado de andar  
de ônibus,  
de trem  
e de metrô,  
agora só ando  
de nuvem  
ou de flor.

## A pedra do caminho

É duro, Drummond,  
o amor no meio do caminho  
virar a pedra  
que tem no meio do peito  
o caminho  
que tem no meio da perda.

## Efígie atlântida

1.

Não desabe  
outra vez  
cornija  
e arquitrave  
sobre os passos  
de paixão indelével.

2.

Eros  
em seu templo  
sustente  
erosão  
nas colunas de carne  
e carícia.

3.

Sacerdotisa  
pítia  
impiedosa  
não profira  
as sílabas  
assassinas.

3.

O oráculo  
de Delfos  
guarde os véus  
da tempestade.

4.

Pallas Athena

preserve o sangue

da coruja

em cratera de ouro

fora do alcance

de lanças macedônias.

5.

Afrodite

permita os prazeres viperinos

do cerimonial

de putas sagradas

em troca de sete virgens,

folhas de murta e romãs frescas.

6.

Dyonisos

libere a via dos excessos,

o trânsito do transe

de bacantes embriagadas

e nuas

no palco em escombros.

7.

Zeus

traíçoeiro e intrigante

lance raio fulminante

sobre as tropas espartanas

implacáveis na conversão

de tumulto em túmulo.

α

Não desabe novamente  
a não ser  
sobre meu corpo  
pulsando como louco  
no porto de Pireu.

---

<sup>i</sup> **JOSÉ ANTÔNIO CAVALCANTI** é poeta e professor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Foi editor da revista *Desafio* durante a ditadura militar. Escreveu resenhas de livros para o *Jornal do Brasil*. Tem inúmeros poemas e ensaios publicados em revistas e sites de grande relevância, como *Cronópios*, *Mallamargens*, *Cult*, *Germina*, *Zunái*, *Travessias*, *Garrafa*, inclusive no México e nos Estados Unidos. Sua tese sobre a ficção de Hilda Hilst será publicada em 2013. Autor de *Anarquipélago*, livro de poemas ainda inédito. Publica seus textos em *Caosgraphia* - <http://caosgraphia.blogspot.com>.